

COMUNICAÇÃO
AS PRÁTICAS SOCIOPASTORAIS NO CENTRO DE INTEGRAÇÃO DO
MIGRANTE 2015 -2021

DOI: 10.57147/espacos.v30i2.877

Malgarete Scapinelli Conte*

Introdução

O CIM é um projeto das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo da Província Brasil Norte¹, projeto que surge a partir da necessidade local. Após três anos de trabalho pastoral na paróquia São João Batista, Brás, São Paulo, saindo ao encontro das pessoas e respondendo ao apelo do Papa Francisco de ser Igreja em Saída, conhecendo a realidade, escutamos o grito dos migrantes por um espaço de acolhida, escuta, encontro, partilha, convivência. Um lugar neutro, já que a realidade do Brás é de comércio formal e informal e uma concentração de igrejas dos mais diversos credos religiosos. As pessoas das quais nos aproximávamos falavam da dificuldade de encontrar espaço que acolhe e respeita a cultura, religião e o jeito de ser de cada pessoa.

Atuando na região do Brás, as Missionárias Servas do Espírito Santo chegam com coração aberto para ler os “Sinais dos Tempos” e buscar responder ao clamor dos migrantes, iniciando com um processo de discernimento junto aos mesmos para decidir quanto ao nome que se daria ao espaço, pensar sobre o logo, estruturar e planejar os trabalhos. Um pedido muito especial da equipe que atuava na pastoral do migrante foi que se pensasse em uma padroeira para esta missão. Foi então escolhida a Virgem de Guadalupe.

Com esperanças renovadas em 12 de dezembro de 2015 foi inaugurado o CIM. Um local desejado, especialmente, para o encontro e acolhida mútua. Lugar de suporte para os que chegam dos diferentes rincões do mundo ou do próprio Brasil, assim como para a comunidade, para ser um espaço de cultura do encontro, na qual as pessoas

* É religiosa da Congregação das Missionárias Servas do Espírito Santo-SSpS. Bacharel em Serviço Social pela UNB e pós-graduada (especialista) em Teologia e Mobilidade Humana pelo ITESP. NB, Brasília e Coordenadora do Centro de Integração do Migrante (CIM) desde a sua fundação.

¹ As Irmãs SSpS no Brasil têm duas províncias, conhecida como Brasil Norte e Brasil Sul, mas isso não é uma realidade geográfica, apenas diferencia a atuação missionária de cada uma das províncias.

possam garantir sua identidade cultural em diálogo com os diversos aspectos culturais da sociedade que os acolhe.

Temos, porém, consciência de que todo o trabalho desenvolvido no CIM é alternativo e paliativo, frente a um Estado insuficiente ou ausente de políticas públicas para esta porção da sociedade.

A entidade que responde juridicamente pelo CIM é a REDES – REDE DE SOLIDARIEDADE² que tem como compromisso o resgate da vida ameaçada, o respeito e solidariedade aos irmãos e irmãs em situação de exclusão, em especial os/as migrantes na cidade de São Paulo.

O CIM, portanto, nasce com uma missão muito significativa dentro da própria província: trabalhar em redes, iniciando com a própria província das Missionárias Servas do Espírito Santo. Ou seja: trabalhar em conjunto as três entidades: Trinitas³, Sociedade de Ensino e Beneficência SEB⁴ e REDES- Redes de Solidariedade.

A missão comum das três entidades é o projeto com os migrantes. Um parceiro importante é o Colégio Espírito Santo, que assumiu colaborar com campanhas de agasalho, voluntariado dos alunos/as para atividades múltiplas, em especial com as crianças e o pagamento de pessoal, contratação de professores de português, música e teatro; educadora social, auxiliares administrativos e auxiliar de serviço gerais. Desde o surgimento do CIM, a Missão Paz foi uma das entidades parceiras brindando todo o apoio e orientações em relação à documentação dos migrantes.

A equipe do CIM conta também com o acompanhamento de outras ONGS e grupos afins: o Grupo Veredas com o projeto de plantão psicológico para grupos de crianças, com rodas de conversa terapêutica; a organização de Marynoll- EUA, com uma voluntária, que contribui com aulas de Inglês, Artes e Educação Física para crianças e Zumba para as mulheres; os Missionários do Verbo Divino com a presença no final de semana de Irmãos e seminaristas, que vem somar e ampliar os trabalhos.

²A entidade REDES Rede de Solidariedade, pertencente à Província BRASIL NORTE da Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo, foi fundada em 2001. Ela é a entidade da província religiosa que abrange a sua missão social e pastoral, acompanhando-a, oferecendo formação e fornecendo os recursos necessários para bem desenvolvê-la. Além de dar suporte às atividades sociais e pastorais da própria província, a REDES mantém contato e tem dado suporte a outros organismos sócio eclesiais.

³ Todas as Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo da Província Brasil Norte.

⁴ As Irmãs associadas à Rede de Educação das SSsS.

E como não destacar a presença dos voluntários/as que não medem esforços na construção deste espaço. Tanto as parcerias como o voluntariado têm o acolher, promover, proteger e integrar como objetivo principal na missão com migrantes, em especial no bairro do Brás/SP. Num micro espaço se relacionam inúmeras pessoas de diferentes gerações, com uma riqueza de culturas, costumes e religiosidade:

1. Contextualização do Brás

O bairro do Brás, situado na região central de São Paulo, cresceu e se desenvolveu como bairro operário e "pátria" dos imigrantes italianos, depois acolheu os migrantes nordestinos, e hoje acolhe centenas e milhares de migrantes vindos de diferentes lugares do mundo. É conhecido também como um dos principais centros do comércio popular da cidade, no qual pessoas de Norte a Sul vêm como sacoleiros para fazer suas compras.

Historicamente, o bairro do Brás está diretamente ligado com a história da migração da cidade de São Paulo. A primeira hospedaria para imigrantes foi criada em 1887, justamente no Brás. Hoje o Brás também é caracterizado tanto pelo comércio formal como informal. São inúmeras lojas e ambulantes. Em sua maioria os ambulantes são migrantes oriundos de diversos países da África, Ásia e América do Sul.

O fluxo migratório no Brasil sempre foi ativo, por ser um país receptivo e acolhedor. E a realidade no bairro de Brás não é diferente, já que desde o início teve muita afluência de pessoas que vieram de outros países, principalmente da Europa. Depois, no decorrer dos anos, esse mesmo fluxo começou a variar pela chegada de migrantes dos outros continentes: da Ásia com os coreanos, da África, com os angolanos, e nos últimos anos se acentua a chegada dos latinos, de maneira especial os bolivianos.

Por outro lado, as migrações internas dentro do Brasil são observadas mais de perto, e por essa razão também o CIM abre suas portas para a inclusão de alunos nacionais, oportunizando aprendizagem e capacitação profissional e promovendo a integração intercultural.

A presença dos imigrantes latinos, em especial os bolivianos, mudou a paisagem e as feições do bairro do Brás a partir dos anos 2000. As ruas, especialmente na Rua

Coimbra notamos as lojas e estabelecimentos comerciais com nomes em espanhol. Os rostos que predominam são aymaras e quéchuas, especialmente de casais jovens, com muitas crianças.

Provenientes de aldeias pobres, submetem-se a situações de exploração laboral na esperança de ganhar dinheiro para enviar para familiares e poder voltar para seus países de origem na esperança de uma vida melhor.

Há um grande fluxo de indocumentados, e por essa razão se submetem a jornadas de trabalho que costumam passar de 14 horas por dia em oficinas de costura ou trabalhos domésticos, o que caracteriza trabalho escravo.

Nos aproximando dessa realidade, construímos um diagnóstico que revelou a situação em que vivem os migrantes e pessoas em situação de refúgio. Ou seja, pessoas com ausência de direitos básicos como saúde, educação, habitação, segurança. Ademais, sofriam ausência de informações, respeito à sua opção religiosa, intolerância religiosa por estarem numa região com uma infinidade de crenças religiosas, sobre as quais preferiam silenciar. Encontramos muito medo, solidão, tristezas, insegurança,

Com a ineficiência do Estado, e vendo muitas crianças sem acesso a creches, vagas escolares, mulheres chorando nas calçadas sem um espaço para serem ouvidas, sem amigadas, surgiu o desejo e o sonho de um espaço alternativo de acolhida, amizade, escuta, orientação, que acolhesse a todos/as, sem distinção de religião, nacionalidade, classe social, opção sexual, gênero, cultura. Por essa razão e em escuta direta a esses nossos irmãos e irmãs, é que diagnosticamos a falta de oportunidades de trabalho e renda dignos. Falta de conhecimento básico para o aprendizado de um novo ofício e de como gerir um pequeno empreendimento, assim como formas alternativas de economia popular e solidária.

Como ficar indiferente ante a dor de tanta gente? O CIM, neste contexto, observa as violações de Direitos Humanos, discriminação, e em especial a exposição diária a que estão submetidas crianças e adolescentes filhas de migrantes que trabalham em oficinas de costura, em muitos casos em situação degradante e semelhante à escravidão.

A falta de alternativas para a inclusão social, o desemprego ou subemprego são os maiores problemas enfrentados por migrantes e refugiados na cidade de São Paulo.

Mas não podemos esquecer que migrantes contribuem significativamente para o desenvolvimento e enriquecimento do país por meio da mão de obra, de sua cultura, língua, expressões e conhecimentos, que favorecem a integração e a convivência mútua. Não por considerá-los como ameaças, como seres humanos “menores” ou “coitados”, que nos comprometemos com eles. Temos que definitivamente entender que podemos oferecer-lhes oportunidades de convivência que nos levam a novas relações interpessoais e de encontro, de mútua aprendizagem e enriquecimento humano.

2. O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO CIM

As famílias chegam aos poucos. Geralmente chegam os pais, depois as mães e filhos, a seguir chegam outros parentes e agregados. O que chama muita nossa atenção também é o grande número de mães solo. Todos precisando trabalhar para poder manter sua família em São Paulo e os demais que ficaram no país de origem.

Não se podia mais esperar e assim iniciamos as atividades do CIM num espaço sem muita estrutura, com dificuldades econômicas e humanas, mas hoje, a certeza de que o Espírito Santo nos acompanhou neste processo de desenvolvimento, e não nos faltou a solidariedade de muitas pessoas e o reconhecimento da comunidade, nos conforta.

2.1 A escolha da padroeira para o CIM

O dia 12 de dezembro é dedicado à Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do México e da América Latina. Ela foi escolhida pelos migrantes para ser padroeira do CIM. Uns diziam da experiência integradora da Virgem de Guadalupe, e por esta razão foi inaugurado este espaço com a presença de “ muitos rostos e um só coração⁵”. Em uma celebração com muito simbolismo, oração, bênção, muitas expressões culturais, muitas nacionalidades presentes⁶ e muita festa demos início ao CIM, localizado na rua Coimbra 459, onde permanecemos 5 anos, cheios de muita vida, atividades e desafios.

⁵ Lema dos missionários do Verbo Divino

⁶ Estavam presentes migrantes e irmãs religiosas de diferentes lugares: Brasil, Bolívia, Argentina, Índia, Peru, Paraguai, México, Indonésia, Bélgica, Alemanha, Equador, Angola, República Democrática do Congo, Chile, Cabo Verde, Polônia e Haiti.

2.2 Atividades missionárias desenvolvidas pelo CIM

A missão é a razão de ser das Missionárias Servas do Espírito Santo, certas de que o fundador quis ver-nos inseridas onde a presença feminina se faz necessária. Assumimos o compromisso de ser mulheres de ternura, compaixão, respeito, solidariedade, da escuta, partilha de diálogo intercultural, ser casa de hospitalidade, ser lugar teológico de descanso para que as pessoas possam respirar e sentir-se acolhidas, amadas e onde se perceba a humanidade, o calor, a compreensão e o alívio para suas angústias e sofrimentos.

Por tudo isso as atividades no CIM são diversas, periodicamente modificadas e adaptadas às novas necessidades e geralmente com periodicidade semestral.

Atividades presentes desde o início são: aulas de português, trabalho com as crianças, regularização documental, aulas de manutenção de computadores, informática e bazar da solidariedade.

A cada semestre foram surgindo novas iniciativas, novos voluntários/as, e aumentando o número de pessoas contratadas. Desde que conhecemos a realidade das crianças, principalmente a falta de moradia e de vagas nas creches, muitas vezes crianças nascidas no Brasil, mas criadas na Bolívia, Peru, Paraguai, que sofrem bullying ao chegar as escolas e não saber português, a acolhida das crianças se tornou nossa prioridade.

Para crianças e adolescentes, o CIM oferece aulas de Inglês, Artes, Educação Física, Português, Violão, Teatro, Informática, com educadoras sociais para atividades diversas, acompanhamento psicológico, roda de conversa terapêutica, e contação de histórias.

Para jovens, um grupo que se reúnem para partilhar a vida e os seus valores.

Para os adultos, tanto homens como mulheres recebem aulas de língua portuguesa, espanhol, inglês, manutenção de computadores, informática, violão, zumba.

Temos ainda serviço de apoio para regularização documental, bazar, cursos de bolos e salgados, curso de artesanato, empreendedorismo, rodas de conversa.

Empenhamo-nos para fazer a diferença de maneira efetiva para que migrantes e refugiados que, pelas mais variadas razões foram privados de oportunidades, tornem-se empoderados por meio de atividades internas e externas, parcerias diversas e aplicação de ações de *advocacy*. Cursos e capacitações favorecem aos imigrantes e refugiados condições de se tornar de fato protagonistas e combatentes da discriminação e xenofobia, ampliando seus horizontes, potencializando a representatividade na comunidade. O conhecimento da língua portuguesa, inglês, capacitação profissionalizante agrupando homens, mulheres, nacionalidades diversas, orientação sexual, religião, amplia discussões sobre condições dignas de vida para que tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento. Motivar a discussão para transformar as próprias ideias na perspectiva de favorecer o protagonismo, animar a formação de coletivos e grupos impulsionando a visibilidade das vulnerabilidades, tornando-se protagonistas do próprio engajamento social.

2.3 ESTATÍSTICAS 2015-2019.

Os resultados dos anos de cursos, com duração de seis meses, podem ser vistos na quantidade de certificados entregues.

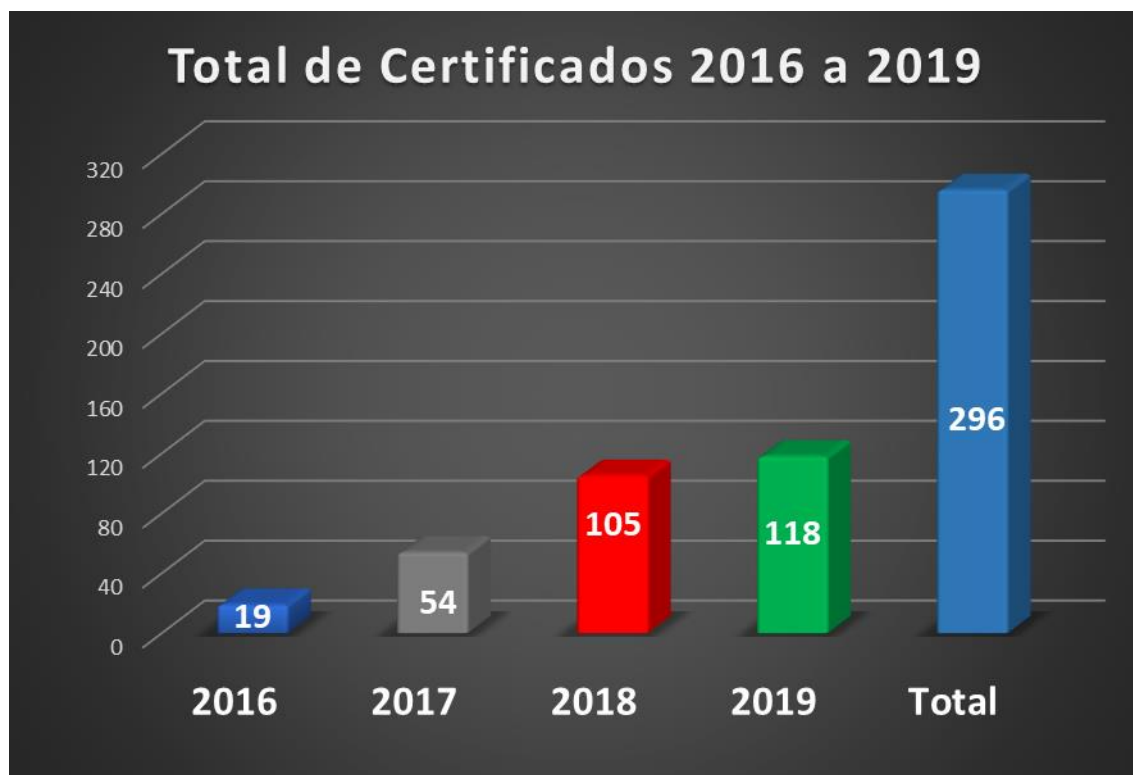


Gráfico - Representa o número Total de Certificados entregues pelo Centro de Integração do Migrantes em seus 3 anos de serviço.

A tendência observada é um aumento de alunos/as em cada ano. Este resultado está relacionado com a abertura de novos cursos e incremento de turmas que são de interesse das pessoas e também com o trabalho de divulgação.

Não obstante, temos muitos alunos que começam a participar nas aulas e desistem no meio do caminho. Esse abandono tem diferentes razões que vão desde conseguir um emprego, mudar de residência, fazer viagens não planejadas para o próprio país de origem até pelo padecimento de doenças de algum familiar ou deles mesmos. No entanto, recebemos relatos da tristeza que sentem por não poderem completar os cursos.

Nestes anos percebemos que a maioria das pessoas que tentam se capacitar e aprender novas ferramentas são primeiramente as mulheres, depois os adolescentes e a seguir os homens.

Observada essa tendência podemos dizer que as mulheres estão conseguindo sair do país de origem, do lugar onde vivem e criar caminhos para romper com estereótipos, com preconceitos, acreditando que são capazes de instruir-se em diferentes áreas.

Em segundo lugar, encontram-se as crianças que sempre são impulsionadas e motivadas pelos pais e o pessoal que trabalha no CIM a iniciar ou terminar os estudos, além de participar de atividades que nutrem sua formação, preservam culturas nacionais e ajudam no desenvolvimento psicossocial.

Já o número de homens que participam das atividades propostas pelo CIM é bem menor, pelo fato de se dedicarem a buscar diferentes iniciativas para manter a família. No entanto, procuram novas opções de capacitação ou atualização de seus conhecimentos objetivando novas oportunidades em diferentes áreas de interesse, como por exemplo: técnico em informática, confecção de bolos, aprendizado de idiomas, entre outros, mas nem sempre conseguem terminar o curso.

Com relação à faixa etária participante no CIM, com destaque estão as crianças de 02 a 12, em seguida jovens de 21-30 anos e em terceiro lugar os adultos de 31-40 anos, seguido adolescentes e maiores de 41 anos.

O fato de ter o maior número de alunos inscritos confirmados por crianças obedece à atenção especial da equipe do CIM, permitindo que além de aprender novos conteúdos possam desenvolver suas habilidades, partilhar suas emoções e expressar seus sentimentos sem sentir-se limitados pelas paredes de uma habitação ou oficina de trabalho.

Por outro lado, é importante ressaltar que outra grande razão pela qual procuram os serviços do CIM está na diversidade e rodízio de atividades e a oferta de alimentação (lanches nos intervalos). Nos dias de atividades são servidos lanches com suco, chá, biscoitos, pão, docinhos, que muitas vezes não têm em suas casas.

O segundo maior grupo são os jovens, que em sua maioria terminam o ensino médio antes de migrarem para o Brasil e querem continuar os estudos e aprender principalmente a língua portuguesa e o inglês simultaneamente, reduzindo o tempo para seguir outras capacitações oferecidas pelo CIM como: a informática que na atualidade converteu-se num requisito indispensável para procurar trabalho e na área de confecção e costura.

Além disso muitos deles têm o desejo de continuar os seus estudos em nível universitário e aproveitam o tempo livre para manter-se atualizados com as novidades que o Centro oferece por meio de diferentes possibilidades, como cursos curtos, passeios e rodas de conversa.

O terceiro grupo etário corresponde àqueles adultos que têm vontade de aprender e se esforçam em procurar um tempo livre na semana para vir e estudar em algum dos cursos e assim poderem melhorar a própria condição laboral.

Finalmente, temos o grupo de adultos de 41-50 anos e adultos de terceira idade, que se somam cada vez mais às nossas atividades, quebrando os paradigmas e os preconceitos que tinham sobre a idade limite para voltar a estudar e aprender novas habilidades.

Nesse sentido a equipe do CIM realiza um trabalho de motivação e sobretudo escuta e acolhida para que se sintam em casa e tenham o espaço de aprender o que não puderam quando jovens, por falta de oportunidades ou recursos financeiros.

A maioria das pessoas que chegam ao CIM possuem diferentes manifestações religiosas. Nossa missão nos leva a ter olhos e corações abertos para receber a todas as

peças que precisam de uma mão amiga ou de um espaço de convivência e aprendizagem onde possam expressar suas ideias e pensamentos, sem serem julgados ou rejeitados por pertencerem a uma determinada igreja.

Destaco outros atendimentos diários que são imprescindíveis para a integração local e humana, como por exemplo a participação do Bazar da Solidariedade, que é muito procurado onde é possível adquirir artigos como roupas, calçados e utensílios a preços simbólicos. Os migrantes compram tanto para si como para enviar para seus familiares que continuam nos países de origem. Aproveitamos este espaço para conscientizar sobre a importância do cuidado com o meio ambiente a casa comum nos três “R”: reduzir, reutilizar e reciclar. O bazar é de grande ajuda para a comunidade de um modo geral, especialmente para as pessoas em situação de migração e refúgio como também para as pessoas em situação de rua.

Outras atividades de integração são desenvolvidas como: Grupo de Mulheres, Plantão Psicológico, apoio à regularização documental, passeios, festas para a preservação de culturas e interculturalidade – Brasil e outras nacionalidades.

2.4 Pandemia: crise humanitária e sanitária o CIM -2020-2022

O ano de 2020 iniciou quando ainda estávamos na Rua Coimbra. A procura pelos cursos foi significativa assim como as inscrições.

A Congregação apoiou investindo recursos para novas contratações de colaboradores para os cursos e para a procura por um novo espaço físico.

No entanto fomos interrompidos por um vírus desconhecido. Sabíamos apenas que tínhamos que redobrar cuidados com higiene e contatos pessoais. Mas foi muito além disso. Imediatamente interrompemos os atendimentos presenciais. Mas a procura por informação na área da saúde e as dificuldades econômicas nos obrigaram a iniciar um atendimento virtual por meio de vídeos chamadas e mensagens por WhatsApp. Os pedidos por alimentos, remédios, máscaras e dinheiro chegavam a todo momento. A emergência social fez com que temporariamente mudássemos nosso foco e buscássemos alternativas como: campanha de arrecadação e doação de alimentos, roupas, máscaras e artigos de primeira necessidade, inclusive alguma ajuda em dinheiro.

Também no início de 2020 adquirimos um espaço amplo, com três pavimentos, localizado à Rua 21 de Abril, 1000, também no Brás.

Foi preciso reformar e adequar o espaço. Iniciamos a reforma do térreo e primeiro andar. Mas também fomos interrompidos pela pandemia. Retomamos em agosto já com a mudança da Rua Coimbra. O espaço novo veio nos proporcionar maior conforto e condições para novas atividades.

Apesar das dificuldades, não esquecemos de muitas outras emergências que acarretam sofrimentos das pessoas. Experiência de precariedade, abandono, marginalização e rejeição por causa do Covid-19.

O CIM fechou as portas do espaço físico por algumas semanas, mas ficou no atendimento e acampamento on-line, escuta, orientação, utilizando meios eletrônicos para encurtar a distância. Muitos “gritos” se ouvia, já que a pandemia nos distanciava do abraço, do olhar, da acolhida. Necessidades primárias se manifestavam: fazer cadastro para receber ajuda do governo, prestar auxílio para as crianças que não tinham condições e não sabiam fazer a tarefa da escola de forma on-line, outras que sofriam fome, e violência, famílias que não conseguiam comprar o gás, pagar o aluguel, suportar a doença, a angústia de estar distante da família, o medo de ser acometida pela Covid-19, de ser assaltada, de não poder acompanhar o óbito de algum familiar. Foram momentos de acompanhar o Cristo que sofre nos irmãos e irmãs migrantes, que buscavam o CIM por nele sentir-se família.

Em 2021 reabrimos o espaço e a busca por capacitação, pelo conhecimento pôr os atendimentos chegam com maior frequência. Conhecer suas trajetórias, seus sonhos, suas angústias, seus desafios e estar juntos/as aprendendo desses encontros. Retomamos no segundo semestre e 32 alunos receberam certificados de conclusão de curso básico de Língua Portuguesa, 10 mulheres concluíram o curso de confeitaria e culinária para adultos. 30 crianças permaneceram no curso de inglês, artes e educação física e 135 crianças e adolescentes participaram das atividades diversas no campo educativo. Foram realizados 1.175 atendimentos e encaminhamentos, sociais e psicológicos. Foram entregues 4.224 cestas básicas e 800 kits de higiene e limpeza, beneficiando indiretamente 7.572 pessoas graças à solidariedade da REDES, das instituições parceiras e da campanha de arrecadação na comunidade e comércio local.

Somente de agosto a dezembro, foram atendidas pessoas de 21 nacionalidades: imigrantes vindos de toda América Latina, América Central, Caribe, América do Sul, da África, da Ásia e da Europa. Desde sua fundação o CIM atendeu aproximadamente 2.500 famílias, beneficiando 10.000 pessoas de 48 nacionalidades e brasileiros.

3. COMO O ACOLHER, PROMOVER, PROTEGER E INTEGRAR FAZ-SE VIDA NO DIA-A-DIA

O CIM sempre procurou disponibilizar espaços de encontro. A migração é um lugar sagrado, porque é lugar de encontro com Deus e porque Deus e o humano se encontram, por isso a terra de migração é terra abençoada, que deve fomentar o diálogo e fortalecimento de vínculos familiares.

Na acolhida busca-se que cada pessoa se sinta bem neste lugar, independentemente de sua origem, religião ou pensamento político, porque todos/todas somos irmãos e irmãs. A primeira acolhida se dá ao chegar, oferecendo escuta ativa, olhar atento e acolhedor, um cafezinho, uma água, brindando o coração aberto para que se sinta em casa, carinho, permitindo que ela continue a ser ela mesma.

O Papa enfatiza que é urgente oferecer aos migrantes e aos refugiados mais oportunidades de entrada segura e legal nos países de destino. Francisco pede para simplificar a concessão de vistos humanitários e incentivar a reunificação familiar.

O CIM ACOLHE – divulga, promove e articula com organizações afins, para que migrantes e pessoas em situação de refúgio tenham acesso fácil à documentação no Brasil e especialmente em São Paulo. Oferece serviços de orientação documental, informações gerais e encaminhamento a serviços públicos de saúde, assistência social e educação e trabalho.

Procuramos interpelá-los/as a luz Evangelho, a “ler” a situação desde a condição humana; ir ao encontro dos mais pobres, dos silenciados, dos invisíveis, numa atitude de humanidade, sem medo de encontrar, dialogar, partilhar, articular juntos/as, combater as desigualdades, reconhecer que erramos e que precisamos voltar ao caminhar na unidade e na diversidade. É preciso rever nossas formas de ser e estar, aprender a escutar os gritos dos que chegam até nós.

Descobrir que Deus se revela através do estrangeiro/a. Acolher aqueles que precisam de ajuda é acolher o próprio Cristo. Necessitamos superar as fronteiras do coração, fronteiras que não nos permitem ver o outro/a como verdadeiros irmãos.

É a prática da hospitalidade e da acolhida que nos transformam em irmãos, amigos, próximos. Jesus nos ensina a visibilizar os que são invisíveis ao sistema que exclui, especialmente as mulheres, crianças e doentes, como diz o pequeno príncipe “Só se vê bem com o coração”, contemplar esta realidade do caótico, da vulnerabilidade. Deus nos ajuda a ver com esperança, e a ser seres humanos de compaixão, tecendo a vida, no meio do mundo com tantas situações de morte, de fome, racismo, violências, xenofobia, trabalho informal, trabalho escravo, feminicídio, violência. Somos chamadas a nos humanizar, fazer opção pelos que mais sofrem, precisamos recuperar a ternura, compromisso profético frente à cultura do descarte, e resistir ao sistema da eficácia, do ter, onde tudo gira em função da economia. Os migrantes são portadores de direitos, devemos juntos/as protegê-los, isso só é possível no encontro transformando as fronteiras em lugar de encontro.

A equipe do CIM não mede esforços para fazer a diferença de maneira efetiva para que migrantes e pessoas em situação de refúgio tornem-se empoderados/as, oferecendo-lhes atividades para desenvolvimento das capacidades, tornando-os de fato protagonistas da própria história. Motivamos o conhecimento da língua portuguesa, inglesa, orientação sexual, religiosa, capacitação profissionalizante agrupando homens e mulheres de nacionalidades diversas, ampliando discussões sobre condições dignas de vida para que tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento. Promovemos o pensamento crítico na perspectiva de favorecer o protagonismo e animar a formação de coletivos e grupos, impulsionando a visibilidade de vulnerabilidades para que se tornem atores das próprias mudanças sociais.

O CIM busca proteger a partir da promoção e acesso a garantias de direitos e integração social nos serviços: curso de português para adultos, curso de português para crianças e adolescentes, cursos profissionalizantes (culinária, artesanato, costura, informática), confecção de currículos, orientação para o trabalho, rodas de conversa sobre direitos, deveres e promoção humana, orientação para o início ou retorno aos estudos, apoio psicológico, confecção de currículos, orientação para o trabalho, rodas de

conversa sobre direitos, deveres e promoção humana, orientação para o início ou retorno aos estudos.

O sonho é ter uma casa, um lugar onde possam estar com a família criar laços de família e comunitários em ambientes de acolhida e proteção, de recuperação das forças, com vistas a prosseguir a caminhada, ver os filhos crescerem felizes.

Outro grande sofrimento é a falta de moradia. O que lhes sobra são moradias sublocadas, ocupações de prédios vazios, ambientes insalubres. Se veem em constante ameaça de despejo. Não há serviços públicos de habitação suficientes na cidade e nem mesmo que acolham a família. Por tudo isso oferecemos, também, apoio psicológico. Migrar não é nada fácil.

Integrar é um processo contínuo e prolongado que envolve preservar a cultura, valores, religiosidade e costumes originais e incorporar a nova realidade. O CIM tem desenvolvido uma integração no micro, nas relações grupais tanto de adultos como das crianças e jovens, nas atividades culturais, esportivas, escolares, laborativas, recreativas e ressocializadoras, passeios por pontos turísticos da cidade, além das convivências interculturais, como integração das nacionalidades e das diferentes culturas. Também celebramos festas significativas como o dia dos pais e mães, crianças, primavera, folclore, Festa Junina e outras. Além, claro, de atenção, defesa e proteção de direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No CIM, com muitas limitações fazemos a experiência da inter-religiosidade, inter-geracionalidade, inter-congregacionalidade e a interculturalidade com o desejo de crescer cada dia confrontando nosso estilo de vida com o estilo de Jesus.

Como missionárias Servas do Espírito Santo temos uma das direções congregacionais no XV do Capítulo Geral movidas pelo Espírito Vivificador, reavivamos nossa paixão pela missão de Deus. Procurando cruzar as fronteiras para encontrar as pessoas lá onde elas estão, especialmente aquelas que são invisíveis ou excluídas por nosso mundo. No espaço territorial micro que é o CIM procuramos viver essa experiência de contribuição social.

É o próprio Deus que vai ao encontro do povo migrante, lugar sagrado. Quando o migrante se move, move a história. O acolhimento é, precisamente, condição

necessária para se concretizar o amor, cultivar os bons momentos de encontro pessoal e comunitário, superando preconceitos, medos, indiferença em busca da promoção da cultura do encontro, onde cada quem dá de si e recebe do outro/outra

Uma das chaves para o desenvolvimento da pessoa que migra é a língua, já que é o instrumento para empoderar-se e proteger-se e que passa pelo entendimento do novo.

O CIM se desafia a cada dia, buscando recursos para aprimorar seus cursos e torná-los avançados para oferecer mais do que o cursos básicos. A diversidade é enriquecedora, e é tarefa para cada um de nós aceitar, reconhecer e respeitar, principalmente no que se refere ao campo da migração e das religiões. É tarefa de todos/as romper muros, construir pontes, conversar e acolher o que a princípio possa parecer diferente. Viver a vida com alegria e gratidão, pois o reino de Deus está no nosso meio.

Conscientes do pluralismo diário e do caminho a seguir, o CIM busca reconhecer, resignificar, reinventar, ter empatia, conhecer-se a partir da relação com o outro, ser colaborativo, abraçar, inclusive, nossas fragilidades, nos acolher mutuamente e perceber um ao outro/a.

Há hoje uma nova sensibilidade para acolher a positividade de uma dupla pertença, a partir de experiências precisas e novidadeiras no âmbito do diálogo das religiões. A experiência de deixar-se hospedar pelo outro/a provoca mudanças substantivas no mundo da identidade, revelando traços inovadores no modo de ser religioso.

Um dos grandes desafios do CIM é ter uma equipe fixa e preparada para acolher melhor cada pessoa que chega a nós. Que aprendamos os idiomas principais e tenhamos um coração aberto e acolhedor, e que possamos fazer a experiência da vivência da interculturalidade, onde possa haver a troca de culturas.

Não se pode parar de sonhar, e no CIM desejamos desenvolver a missão de forma integral e ampliada. Mas para isso é preciso recursos, um plano de sustentabilidade. Por ora disponibilizamos um dos espaços para aluguel de eventos, conferências e afins, temos o Bazar da Solidariedade, onde entra algum recurso, mas está mais voltado a subsidiar a comunidade e aplicar o consumo consciente e moda

circular. As mulheres migrantes apresentam seus anseios de autonomia financeira com olhos para cooperativas de consumo, como alimentação e artesanato.

Para tudo isso buscamos projetos que nos ajudem a desenvolver mais e melhor as atividades para os migrantes. Que consigamos fazer um trabalho de articulação com os serviços públicos locais (Assistência Social, Educação, Saúde, trabalho e outros.) Ampliar as visitas domiciliares e acompanhar mais de perto os recém-chegados, especialmente com a regularização documental.

Melhorar a preparação da equipe é um desafio constante também. Poucas pessoas, mas muito empenhadas, precisam de formação e acompanhamento constante em especial no que diz respeito a acolher, proteger, promover e integrar melhor. Nesta busca e partilha dos saberes e sabores nunca estamos sozinhos, encontramos Deus no caminho junto aos nossos irmãos e irmãs.